

## HUMOR NOS CONFLITOS DA RELAÇÃO MARIDO/ MULHER: ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTATÍSTICA

### HUMOR IN THE CONFLICTS OF RELATIONSHIP HUSBAND / WIFE: LINGUISTIC AND STATISTICAL ANALYSIS

Geraldo José Rodrigues Liska\*

Gilberto Rodrigues Liska\*\*

**RESUMO:** A língua é um sistema heterogêneo que se adéqua às necessidades da comunicação e da expressão de pensamentos. Os estudos da linguagem acompanham esse sistema aberto e em movimento, logo, observar a produtividade semântica e lexical é fundamental para compreender sua expansão. Há muita discussão sobre a produção e a representação de conceitos e suas formas, que englobam texto e discurso, fatores cognitivos e lexicais do processamento da linguagem e estudos acerca da variação e mudança linguísticas relacionadas à cultura. Este parece ser um tema interminável e sobre o qual pouca homogeneidade deve ser esperada. Este trabalho investiga o humor na rede social por meio dos processos discursivos e cognitivos a fim de perceber a extensão semântica e, conseqüentemente, a multissignificação presente nos itens lexicais. Para isso, analisaremos uma publicação de uma rede social que aborda a metáfora na relação marido/mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humor. Semântica enunciativa. Semântica lexical. Semântica cognitiva.

**ABSTRACT:** Language is a heterogeneous system of codes that should suit the needs of communication and expression of thoughts. Language studies accompany this system open and in motion, so observe the semantic and lexical productivity is key to understanding its expansion. There is much discussion about the production and the representation of concepts and their forms that include text and speech, cognitive and lexical factors of language processing and studies of language variation and change related to culture. This seems to be an endless topic and about which little homogeneity to be expected. This paper investigates the polysemy of lexical meaning in the humor through the discursive and cognitive processes in order to realize the

---

\* Doutorando em Estudos Linguísticos (Área: Linguística Aplicada. Linha: Ensino do Português) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Secretário Executivo da Universidade Federal de Alfenas. geraldo.liska@unifal-mg.edu.br

\*\* Doutorando em Estatística e Experimentação Agropecuária na Universidade Federal de Lavras-MG. gilbertoliska@hotmail.com

semantic extension and, consequently, this polysemy in lexical items, by analyzing a publication of a social network that presents the metaphor in relation husband / wife.

KEYWORDS: Humor. Enunciative semantics. Lexical semantics. Cognitive semantics.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Entre os estudos linguísticos, vemos muitas discussões acerca da construção de sentido. Além das teorias do significado, vários enfoques têm sido apresentados sobre o assunto, sobretudo aqueles relacionados, de um lado, ao texto e ao discurso, e, de outro, aos fatores cognitivos e lexicais do processamento da linguagem.

Em consideração a tais enfoques, é necessário que nos adentremos no mundo da linguística, entendamos o funcionamento do processo discursivo, que envolve enunciados, enunciadores, condições de produção, efeitos de sentido, características pragmáticas da textualidade (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade) inseridos em determinado contexto.

Além disso, devemos percorrer os caminhos dos estudos sobre a cognição, conectando o ser humano ao mundo, ao ressaltar, para a formação da significação linguística, de natureza enciclopédica e perspectivante, o quanto são importantes as experiências vividas, a representação mental das coisas, a ativação das memórias episódica e semântica, as redes metafóricas e metonímicas e os esquemas mentais nos quais elas se formam.

No âmbito lexical, devemos observar a relação entre unidades lexicais, a flexibilidade polissêmica das palavras, principalmente

no caso do texto escolhido para este artigo, pois nos textos humorísticos é comum encontrarmos formas idênticas que evocam sentidos diferentes.

Devido à intencionalidade específica, uma característica pragmático-discursiva em qualquer texto, uma leitura deve ser realizada pela busca de pistas linguístico-discursivas, repletas de ambiguidade, intertextualidade e informações implícitas, e isso é bem evidente nos textos de fins humorísticos. Além disso, a sua materialidade histórica é reflexo das relações sociais, culturais e ideológicas de uma comunidade. Ou seja, mais que diversão, há no discurso humorístico uma manifestação social que envolve assuntos polêmicos, na maioria das vezes ligados ao preconceito.

Neste trabalho, investigaremos o humor manifestado nessa rede por meio dos processos discursivos e cognitivos a fim de perceber a extensão semântica e, conseqüentemente, a multissignificação presente nos itens lexicais. Para isso, analisaremos uma publicação de uma rede social que aborda a metáfora na relação marido/mulher. Retiramos, ainda, 25 comentários que os usuários da rede social postaram sobre essa publicação, a fim de entender como as pessoas concebem um texto de fim humorístico e os caminhos que percorrem para chegarem ao humor desses textos.

## 2. HUMOR, DISCURSO E SENTIDO

A linguagem é construída por meio da relação das palavras com o que está fora delas, logo, “só é possível pensar na relação entre uma palavra e o que ocorre em virtude da relação de uma palavra a outra palavra” (GUIMARÃES, 2007, p. 77), que dependerá do modo de enunciação.

O modo e o acontecimento da enunciação influenciam então o sentido da palavra, por meio dessa interação entre sujeito e mundo. Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1990).

Além disso, tanto no processo de compreensão ou expressão, o pensamento é mediado externamente por signos e internamente por sentidos, relacionados às palavras e nelas materializados. É um fenômeno do discurso, trata-se, portanto, do pensamento discursivo (VYGOTSKY, 2001). Esse processo acontece por meio da associação de campos semânticos, evocados pelas palavras e resgatados empiricamente pelos interlocutores, ou seja, recuperados pela memória episódica:

Quando se lê ou ouve um texto, constrói-se, na memória episódica, uma *representação textual* (RT), definida em termos de conceitos e proposições. Adicionalmente a essa representação mental do texto, constrói-se um *modelo episódico ou de situação* (MS) sobre o qual o texto versa. Para tanto, é preciso ativar na memória nossos modelos de situações similares, que conforme

vimos, constituem o registro cognitivo de nossas experiências, mediatas, isto é, contém acontecimentos, ações, pessoas, enfim, todos os elementos da situação a que o texto se refere [...] (VAN DIJK & KINTSCH, 1983, apud KOCH, 2003, p. 45)

Além de caminhar por uma rede semântica de associações para o sentido do discurso, deve-se levar em conta o acontecimento deste, uma vez que o “acontecimento enunciativo passa por um domínio histórico que faz funcionar a língua” (DALMASCHIO, 2008). O acontecimento discursivo é capaz de interferir no sentido das palavras, por exemplo, permitindo criar o novo sobre o que já é conhecido de determinado signo. Logo, como se referencia a palavra ou o conjunto delas no mundo, no plano real, onde a manifestação da linguagem acontece, possibilita produção dos efeitos de sentido de um enunciado. “Assim, o domínio de referência é algo da relação entre um recorte determinado pelas condições históricas do acontecimento e uma injunção desse recorte ao lugar específico de configuração da forma linguística” (DIAS, 2005, p. 119).

Alguns textos humorísticos, por exemplo, só serão compreendidos se o leitor/ouvinte perceber o acontecimento no qual esse discurso foi produzido, refletido no sentido das palavras, que provocarão o efeito de humor no texto em análise.

Vale lembrar também que, na interação comunicativa, os enunciados evocam outros enunciados, num processo de interdiscurso e intertextualidade. Isso, inclusive, é a condição de sobrevivência deles. Conforme

Guimarães (1989, p. 74), “só há um enunciado se houver mais de um. Ou seja, é impossível pensar a linguagem, o sentido, fora de uma relação. Nada se mostra a si mesmo na linguagem”.

Para exemplificar, apresentamos o seguinte texto:

Figura 1 - (1) Fátima abandona Bonner e vai fazer programa



Fonte: <http://f.i.uol.com.br/f5/geral/images/11336216.jpeg>

Nesse texto, apenas se percebe o duplo sentido do texto quando se leva em consideração o processo discursivo (a materialidade histórica, as condições de produção, a intencionalidade discursiva, o interdiscurso etc.) que motivou a produção da manchete jornalística a fim de ocasionar a metáfora na enunciação e provocar o riso.

Em relação à intencionalidade discursiva, remetemos ao termo *voluntas*

(LAUSBERG, 1966), que trata da significação intencional das palavras. Assim, reforçamos o quanto é importante a seleção lexical para a precisão semântica e, logo, para a construção ou desconstrução do sentido no texto. Os estudos sobre a sinonímia, por exemplo, revelam-na ser inexistente em uso genérico, ou seja, o que existe é uma equivalência referencial interlexical (MELO, 2006). Logo, nem se pode falar em similaridades sinonímicas em usos específicos da língua, já que a troca de palavras em um texto por sinônimos registrados no dicionário pode alterar o sentido intencional. Por exemplo, no texto a seguir, a ambiguidade lexical polissêmica de ‘prender’, que gera o efeito de sentido do texto, se quebrará ao substituirmos a palavra suprarreferida por qualquer outro de seus sinônimos registrados no dicionário.

Figura 2 - (2) Simpatia para prender a pessoa amada



Fonte: <http://www.insoonia.com/wp-content/uploads/2011/09/simpatia.jpg>

Buscamos então uma abordagem discursiva da relação marido/mulher para nosso aparato teórico que explicasse tanto o propósito da pergunta “Qual é a fêmea? Qual é o macho?” quanto o que motivou, no cenário discursivo, as suas respostas. Folks (2004) apresenta em sua tese que os textos humorísticos, em especial as piadas relacionadas à relação marido/mulher, especificamente ao casamento, pregam o oposto do que pode ser visto nos contos de fadas e nas cerimônias religiosas:

As piadas de casamento parecem contradizer o discurso das primeiras histórias infantis que, geralmente, têm final feliz - “casaram-se e foram felizes para sempre”, ou aqueles discursos oficiais das cerimônias religiosas - “o que Deus uniu o homem não separa”, “unidos na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separe” (FOLKS, 2004, p. 8).

Assim, nas piadas de casamento, não há príncipes nem princesas, mas normalmente um marido gordo e cachaceiro e uma mulher feia e velha; existem infidelidade e desobediência, descumprindo o que é jurado em uma cerimônia religiosa.

Percebe-se em grande parte dos textos humorísticos que abordam essa temática um jogo de interesses, por dinheiro, da parte dela, e por sexo, da parte dele. Além disso, mostra-se o contrário do que é visto na tradição patriarcal de família, pois as mulheres mandam nos maridos<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Há um grande acervo online sobre textos humorísticos de casais que evidencia essas afirmações. A título de exemplo, podem ser observados os textos publicados em <http://www.piadascurtas.com.br/pidas-de-marido-e-mulher/> e <http://www.piadasnet.com/piada322casais.htm>

### 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO TEXTO

O texto da análise foi retirado de uma rede social. Junto com ela, retiramos 25 comentários que os usuários dessa rede social postaram sobre essa foto. Assim, como resposta à pergunta “Qual é a fêmea? Qual é o macho?” do texto, temos as 25 participações a seguir, reproduzidas para a análise linguística<sup>2</sup> (1) a (25):

Figura 3 - (3) Qual é a fêmea? Qual é o macho?



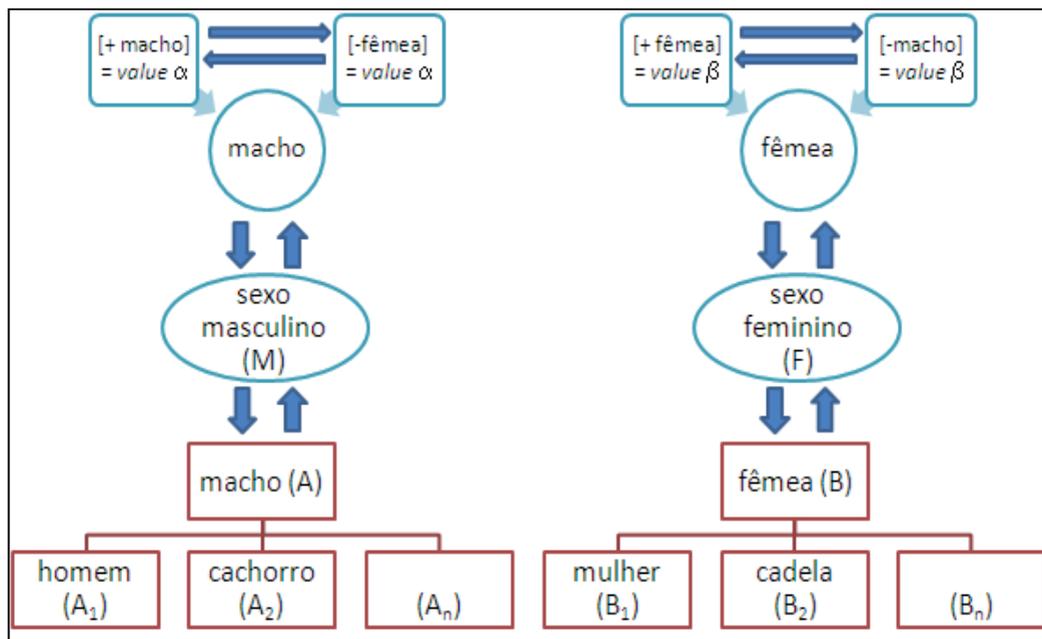
Fonte: <http://www.facebook.com/humornoface>

- (1) USHAUHSUAHSA
- (2) a Femea de boca aberta ;d
- (3) 1
- (4) <<FEMEA – MACHO >>
- (5) nova essa hein
- (6) Aque ta reclamando !

<sup>2</sup> Disponível em <http://goo.gl/d4b4Ai>. Imagem coletada na internet (com os nomes dos participantes parcialmente omitidos)



Figura 4 - Relação e hierarquia semântica e lexical de 'macho' e 'fêmea'

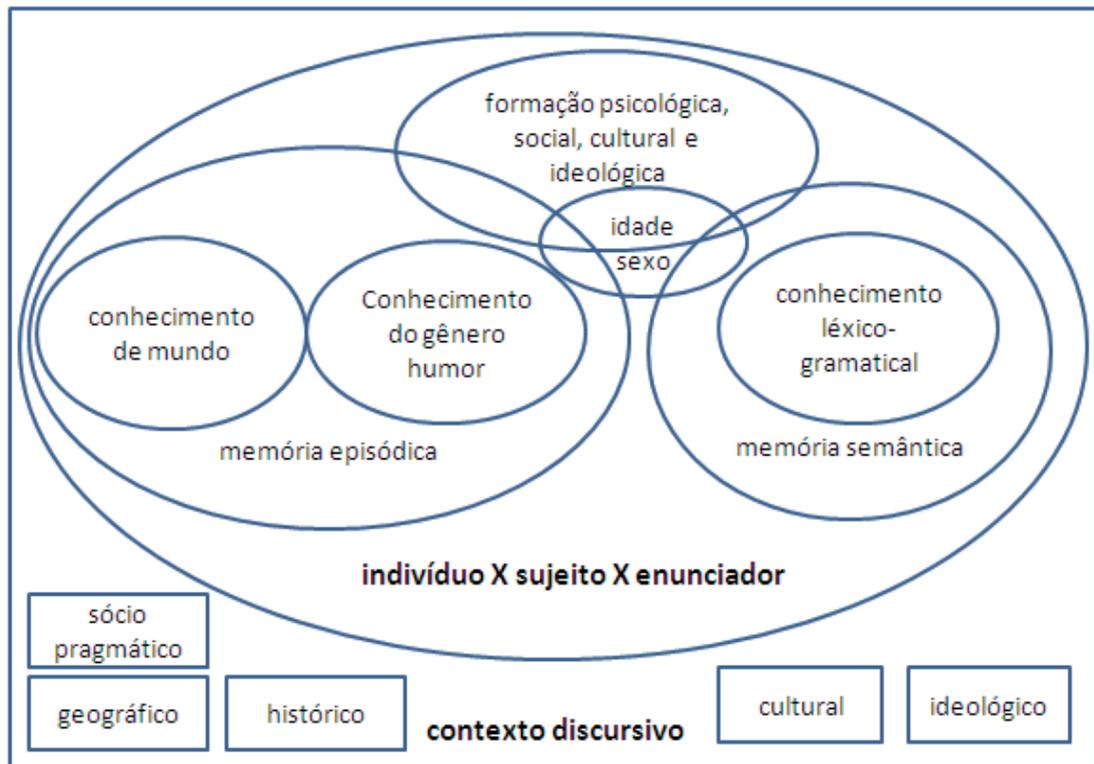


Para compreender o texto, buscando o seu efeito de sentido humorístico, vemos que as definições encontradas nos dicionários são insuficientes. Deve-se perceber a intencionalidade do criador desse texto que o submeteu a um determinado público-alvo que possa resgatar o mesmo contexto, uma vez que um discurso é “determinado por um sujeito determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas” (ORLANDI, 1987, p. 125). Por exemplo, o texto de análise pode ser veiculado em um jornal

sobre ciências biológicas e/ou animais com outro propósito, tal qual identificar o macho e a fêmea por meio de características anatômicas.

Para entender como o sentido se constrói desde o contexto no qual está inserido até o seu processamento mental, seguindo todo o referencial teórico estudado para este artigo, temos um esboço (Fig 5) com os fatores que influenciarão neste processo de significação, a fim de mostrar uma interface semântico-discursiva-cognitiva:

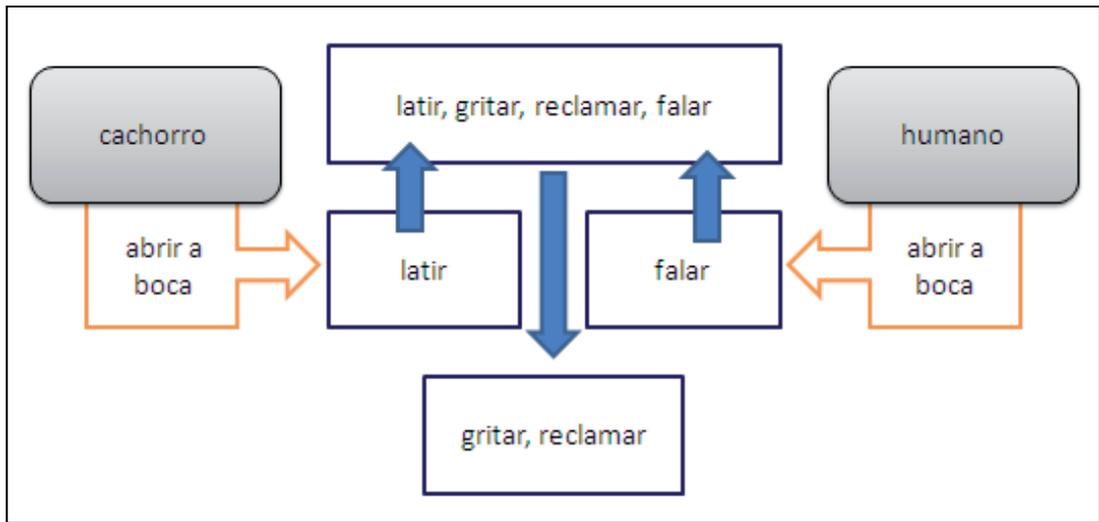
Figura 5 - Relação indivíduo X contexto no âmbito discursivo, cognitivo e lexical



Para entender o texto de análise, no âmbito discursivo, o leitor deve se posicionar no mesmo contexto cultural para levantar a intencionalidade sociopragmática do enunciado. Isso evitaria respostas como a (11), no caso de o participante não ter compreendido a intenção da mensagem no meio em que ela foi veiculada, mesmo ele se situando no espaço virtual e tempo de veiculação do texto. É importante então identificar a origem do texto. Quem faz isso, percebe que ele foi veiculado em uma página da rede social que trata de assuntos relacionados ao humor, conforme acarreta a marca d'água na parte inferior. Vemos o quanto é importante observar as relações pragmático-discursivas para a construção do sentido.

No âmbito semântico-lexical, vamos comparar, por exemplo, as respostas (11) e (23). As palavras 'macho' e 'fêmea' são as mesmas, porém para os respondentes, porém suas respostas evocam distintos sentidos e referentes. Considerando a maioria das leituras, houve uma transposição de sentidos que, num processo metafórico, personificou características próprias do universo humano. O cachorro de boca aberta, então, por analogia pragmática e progressiva ao contexto do ser humano, está 'latindo' > 'falando' > 'reclamando', pois isso é o que se espera da associação 'cachorro' e 'latir' a 'ser humano' e 'falar' nesse contexto, inclusive é o que podemos observar em respostas como a (6) e a (24). Essas ações, **nesse caso**, são sinônimas.

Figura 6 - Relação metafórica latir - gritar



Então infere-se que o sentido da pergunta ‘Qual é o macho? Qual é a fêmea’ é sinônimo de ‘Qual é o homem? Qual é a mulher?’, levando-se em conta que o leitor tenha percebido a intenção da imagem em provocar o riso e tenha ou não visualizado a marca d’água na parte inferior da figura,

que classifica o texto como sendo do gênero humorístico.

Montamos uma tabela para apresentar as respostas das 25 participações. Por se tratar de uma pergunta que aborda a relação entre homem e mulher, dividimos os participantes pelo sexo (Tabela 1):

Tabela 1 - Resposta dos participantes para a pergunta ‘Qual é a fêmea? Qual é o macho?’

| Participante | Respostas          |                    |                    | Resposta insatisfatória para classificação:<br>O que não pertencer a [1] nem a [2] |
|--------------|--------------------|--------------------|--------------------|--|
|              | Cachorro 1 - Fêmea | Cachorro 1 - Macho | Cachorro 2 - Fêmea |  |
|              | Cachorro 2 - Macho |                    |                    |  |
|              | [1]                | [2]                | [3]                |  |
| Homem        | 06                 | 01                 |                    | 10   |
| Mulher       | 05                 | 01                 |                    | 02   |
| Total        | 11                 | 02                 |                    | 12   |

Em [1], temos (2), (3), (4), (8), (14), (16), (18), (19), (20), (21) e (24).

Em [2], temos (12) e (23).

Em [3], temos (1), (5), (6), (7), (9), (10), (11), (13), (15), (17), (22) e (25).

A maioria das participações satisfatórias para esta pesquisa elegeu [1] como resposta e são poucos os que escolheram [2]. Ainda assim, é necessário entender o que motivou a existência das respostas [2]. Quem as escolheu provavelmente também estabeleceu a relação entre macho/fêmea e homem/mulher, lembrando que algumas delas estão justificadas. Ou seja, diferente de algumas respostas de [3] como a (7) e a (22), espera-se que, para se ter [1] e [2], o leitor tenha compreendido a relação metafórica que proporcionou a extensão semântica do sentido dos itens ‘macho’ e ‘fêmea’. Não se exclui a possibilidade de que os leitores que responderam [3] tenham também compreendido essa relação, porém esses dados são insuficientes para a análise presente neste trabalho, pois não se enquadram nem em [1], nem em [2]. Podemos nos referir aos casos de [3] em que o leitor não conseguiu inferir o sentido intencional da mensagem, ou quando esta inferência aconteceu de forma equivocada, como “disferência lexical”.

Observamos que, se aumentássemos a amostra, provavelmente a maioria das respostas seria [1], mas para isso precisaríamos em torno de 500 respostas pra confirmar esse resultado, uma vez que na amostra de 25 pessoas existem indícios de que elas classifiquem a resposta na maioria das vezes como [1], de acordo com o teste de Qui-Quadrado<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Considerando-se 5% como nível de significância do teste o valor qui-quadrado calculado para a amostra dada, sendo 2.509, e pelo teste de Qui-quadrado para dimensionamento de amostras seriam necessárias 518 pessoas para o teste com nível de 95% de confiança. A análise foi realizada no software estatístico R (R Development Core Team, 2011).

Porém, mesmo que todos os participantes se posicionem num delimitado espaço/tempo que permitiu as respostas deste questionário, ou seja, mesmo que compartilhem o mesmo contexto sociocomunicativo e cultural, ainda assim as respostas não são as mesmas, como mostram [1] e [2]. Embora a maioria seja [1], há [2], logo, existe uma intervenção cognitiva que vai aliar o conhecimento de mundo com a formação psicológica, social, cultural e ideológica para a compreensão do texto e a produção da resposta e que essa interpretação de mundo pode se apresentar diferente entre vários leitores. Conforme Widdowson (1979), o texto não tem “significado”, mas “um potencial para o significado”, que é variável para o leitor. Em (12) e (23), por exemplo, temos uma orientação cognitiva do alocutário distinta da maioria das respostas. A conclusão é diferente, porém ainda não se quebra o riso. Ou seja, na evocação de estereótipos da relação marido-mulher, temos, de um lado, por exemplo, os conflitos econômicos e financeiros dos quais a esposa é sempre culpada por gastar absurdamente o dinheiro do marido (em (23)), principalmente com futilidades; e de outro, os maridos, na maioria das vezes, quietos, pois não conseguem abrir a boca numa discussão que mais se parece um monólogo feminino, ou seja, elas não os deixam falar (em [1]). Na zona conflitante de estereótipos, Possenti (1998, p. 26) esclarece que:

<sup>4</sup> Embora as respostas aqui tenham sido classificadas como insatisfatórias, pois não apontam qual é macho e qual é fêmea, ainda assim ressaltamos que em grande parte delas foi manifestado o sentimento do riso, com formas como “hahaha”, “USHAUHS” ou “kkkkk”. Ou seja, é provável que tenham entendido o texto, mas suas respostas não nos permitem a classificação em [1] ou [2].

As piadas funcionam em grande parte na base de estereótipos, seja porque veiculam mesmo uma visão simplificada dos problemas, seja porque assim elas se tornam mais facilmente compreensíveis para interlocutores não especializados. Apenas para exemplificar, nas piadas, judeu só pensa em dinheiro, mulher inglesa é fria, português é burro, gaúcho é efeminado, japonês tem pênis pequeno, nordestino/brasileiro é mais potente do que qualquer gringo grandalhão, marido é traído e esposa é infiel, brasileiro/mineiro é o mais esperto etc. (POSSENTI, 1998, p. 26).

Assim, esses estereótipos podem direcionar a interpretação do texto para diferentes compreensões, ainda sem desmotivar o riso, levando o alocutor a construir uma ponte da palavra ao sentido, influenciada pela formação ideológica e/ou cultural do leitor.

Ao separar as contribuições dos participantes por meio do sexo deles, na hipótese de que o sexo afetaria a escolha das respostas, já que se trata de um assunto que envolve o comportamento dos homens e das mulheres, observou-se que ambos acabaram compartilhando as mesmas ideias, logo, a quantidade das respostas [1] envolve numa proporção similar tanto participantes do sexo masculino como do sexo feminino. Dessa forma, vemos que não há muitas diferenças entre os pensamentos ao longo dos anos de homens e mulheres sobre a relação marido-mulher. Exemplo disso é o livro “O amor de mau humor” (CASTRO, 1991), uma antologia de frases sobre essa relação. Nele, há várias citações de pessoas do sexo masculino e do feminino,

ao longo dos últimos séculos, sobre casamento, adultério, ciúme, paixão e muitas outras palavras que se enquadram no campo lexical do amor. Percebe-se que mesmo havendo diferenças temporais, os pensamentos sobre o amor, a harmonia e os conflitos ocasionados por ele são equivalentes:

O casamento é uma cerimônia em que dois se tornam um, um se torna nada e nada se torna suportável – Ambrose Bierce (p. 37).

Nunca me casei porque nunca precisei. Tenho três bichinhos em casa que, juntos, perfazem um marido: um cachorro que rosna de manhã, um papagaio que fala palavrões o dia todo e um gato que volta de madrugada em casa – Maria Corelli (p. 38).

As relações mais felizes são aquelas baseadas na mútua incompreensão – François de La Rochefoucauld (p. 39)

Hoje em dia tem-se a impressão de que o simples fato para se estar casado constitui motivo suficiente para se cometer um crime – Guy N. Townsend (p. 42)

Minha mulher fala tanto que fico rouco só de ouvi-la – Henny Youngman (p. 69) [Da marchinha “Dá nela”, do carnaval de 1930]:

Essa mulher a muito tempo me provoca/ “Dá nela! Dá nela!” / É perigosa, fala mais que pata choca / “Dá nela! Dá nela” – Ary Barroso (p. 92).

Eu *acreditava* no diálogo civilizado entre homem e mulher – Carmen da Silva (p. 94).

Sabe por que Deus privou as mulheres de senso de humor?

Para que elas pudessem amar os homens, em vez de rir deles – Sra. Pat Campbell (p. 96).

A única paz sólida e duradoura entre um homem e uma mulher é, sem dúvida, uma separação – Lord Chesterfield (p. 174).

Seguindo a proporção da análise estatística, tendo como probabilidade a maioria das respostas ser [1], concluímos que o direcionamento metafórico da pergunta no texto tenderá a [1], independente do sexo dos participantes. Logo, torna-se consenso, mesmo que seja exagerado, o que se mime-tiza nos textos humorísticos. Como conclui Folkis (2004), em sua análise de piadas de casamento, “o segredo do casamento duradouro, pode, enfim, estar no fato do marido aceitar que a esposa mande” (p. 226) e, para exemplificar, acrescenta esta piada:

Ao ver o amigo casado há tanto tempo, o sujeito, indignado, lhe pergunta o segredo.

- Ora, meu caro, é muito simples! Nos primeiros quinze dias do mês, eu deixo minha mulher fazer o que ela quiser.

- E nos outros quinze?

- Aí, eu faço o que ela quiser! (p. 227)

Lembrando também que textos humorísticos apontam que as esposas falam demais, não escutam o que os maridos têm a dizer:

Dois amigos conversam:

- Sua mulher fala muito?

- Não posso informar com precisão. Mas, na semana passada, tive um resfriado, perdi a voz por três dias e ela nem percebeu (p. 245).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmando, quando se analisam textos de fins humorísticos, percebe-se que eles se vestem de ideologia, como qualquer discurso. Os sujeitos envolvidos nesse discurso humorístico são marcados pela heterogeneidade, provando que, mais que diversão, existe uma intencionalidade específica para a (re)criação do texto. Além disso, em sua funcionalidade, são dotados de mecanismos próprios capazes de gerar o riso. Isso os torna rico material para a análise linguística e as condições de produção do discurso.

Para compreender um texto de fim humorístico, é necessário que a leitura seja realizada pela busca de pistas linguístico-discursivas, repletas de intertextualidade, ambiguidade e informações implícitas. Existe autonomia de atividade na produção da leitura de textos humorísticos, pois o leitor não é mero receptor de informações do autor. Segundo Possenti, embora o texto não seja o único fator relevante no processo de leitura, é o ingrediente mais importante, pois é ele que demanda e limita a atividade do leitor. Caso não compreenda a mensagem, será por falta de conhecimentos culturais/de mundo; linguísticos, por não entender o jogo de palavras existente; ou históricos/geográficos, por não se situar/posicionar no contexto tempo/lugar em que o discurso foi produzido.

Finalizando com as palavras de Possenti: “Se você diz a alguém que estuda piadas, o primeiro efeito que produz ainda é o riso. É uma pena que seja assim, porque as piadas são, de fato, um tipo de material altamente interessante, por várias razões” (1998, p.25), espera-se que foram perceptíveis algumas

dessas razões neste trabalho, principalmente para se perceber como se dá a relação indivíduo X mundo para a produção do sentido numa análise discursiva, cognitiva e lexical.

#### DICIONÁRIOS CONSULTADOS

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

WEISZFLOG, W (Ed.). **Michaelis português-moderno dicionário da língua portuguesa (Versão 1.0)**. São Paulo: DTS Software Brasil Ltda. 1998.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

CASTRO, R. (org.). **O amor de mau humor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DALMASCHIO, L. **Enunciação e Sintaxe: Modos de enunciação genéricos na ocupação do lugar de objeto**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 103 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

DIAS, L. F. Problemas e desafios na constituição do campo de estudos da transitividade verbal. In SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. (org.) **Estudos da língua em uso – relações inter e intra-sentenciais**. Belo Horizonte: UFMG, p.101-122, 2005.

FOLKIS, M. B. G. **Análise do discurso humorístico: as relações marido e mulher nas piadas de casamento**. 2004. Tese (doutorado em Linguística) — Universidade estadual de campinas, UNICAMP, Campinas, 2004.

GUIMARÃES, E. R. J. **Domínio Semântico de Determinação**. A Palavra. Forma e Sentido. Campinas: Pontes/RG, 2007, v, p. 77-96.

\_\_\_\_\_. Enunciação e história. In: GUIMARÃES, E. (org.) **História e sentido na linguagem**. Campinas, Pontes, 1989.

GEERAERTS, D. **Diachronic Prototype Semantics**. A Contribution to Historical Lexicology, Oxford, Oxford University Press, 1997.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

LAUSBERG, H. **Manual de Retórica Literária**. Madrid: Gredos, 1966.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.

LOPES, I. C. e PIETROFORTE, A. V. S. A semântica lexical. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 111-135.

MELO, C. T. Sinonímia: uma perspectiva pragmático-discursiva. In: **30 Anos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE**, 2006, Recife. 30 Anos do PPGL, 2006.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. **Web Revista Discursividade - Estudos Linguísticos**. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Mato grosso do Sul, edição n° 09, p. 1-42, jan/maio. 2012. Disponível em <http://www.discursividade.cepad.net.br/>

EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf. Acesso em 23 fev. 2012.

POSSENTI, S. Notas sobre a noção de acontecimento. In: FERNANDES, A. F. (Org.). et. al. **Sujeit, identidade e memória**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p.17-25.

\_\_\_\_\_. **Os Humores da Língua**: Análises Lingüísticas de Piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

R DEVELOPMENT CORE TEAM (2011). R: **A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. ISBN 3-900051-07-0, URL <http://www.R-project.org/>

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, vol. I. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WIDDOWSON, H. G. **Explorations in Applied Linguistics 1**. Oxford: Oxford University Press, 1979.

Recebido para publicação em 30 set. 2015

Aceito para publicação em 21 nov. 2015